DIRETOR: Firmino de Vilhena

Redação, administração e oficinas de composição e impressão, propriedade e edição do director,

Avenida Agostinho Pinheiro, 1

Enderêço telegrafico

CAMPEÃO,,—AVEIRO

Decano dos jornais portuguezes

Ano 70.º—Numero 6:755—Sabado, 13 de agosto de 1921

Campeão das Provincias

Fundado em 14 de fevereiro de 1852 por Manuel Firmino d'Almeida Maia

ASSINATURAS—Ano 3$80 Numero do dia, $10 centavos; atrazado, $12 centavos. Para alem-mar, 8$00; Brazil, França e Inglaterra, 14$00. A' cobrança feita pelo correio, acresce a importancia a dispender com ela.
A assinatura é sempre contada dos dias 1 ou 15 de cada mez e cobrada no começo de cada trimestre.
Não se restituem os originais.

Publica-se ás quartas-feiras e sabados

Não é da responsabilidade do jornal a doutrina dos escritos assinados ou simplesmente rubricados

PUBLICAÇÕES—Escritos de interesse particular, 55 centavos por linha. Anuncios na 1.ª pagina, 50 centavos por linha singela; na 2.ª, 35; na 3.ª, 30 e na 4.ª, 25
Anuncios permanentes, contrato especial. A todos acresce o imposto do sêlo, sendo sempre contados por medidas de corps. 10 e 8.
Os srs. assinantes teem o abatimento de 5 % nos anuncios e nos impressos feitos nas nossas Oficinas.

O PELORINHO

A Historia de 31 de janeiro de 1891 levanta-lh'o.

Palavras de um soldado, ao presidente do tribunal de guerra no acto do julgamento.

«... Eu, meu senhor, não sei o que é a Republica, mas não póde deixar de sêr uma causa santa. Nunca na egreja senti um calafrio assim. Perdi a cabeça então, como os outros todos. Todos a perdemos. Atirámos então as barretinas ao ar. Gritámos então todos:—Viva! Viva! Viva a Republica!...»

«... Quando saí de meu paiz (meu dêle, do **Outro**... perdão... o diretor do... *O de Aveiro*) dirigi-me para Paris a 25 de janeiro, e aí fiquei até 12 de junho de 1911.

Em maio, porém, **procurou-me o sr. conde de Agueda,** solicitando o meu apoio á contra-revolução (**isto é, contra o estabelecimento da Republica pelo movimento de 5 de outubro de 1910**).

Procurei recusar repetidas vezes. Afinal, convidado por um telegrama a encontrar-me com sua ex.ª no *Café-Riche*, **fivemos ai uma palestra decisiva,** em que me resolvi a **prestar o apoio que me solicitavam**, em vista dos ultimos acontecimentos decorridos no paiz. Foi então que parti para a Galiza...» (a conspirar com os monarquicos contra a Republica Portugueza).

(Das *Novidades*, de Lisboa, do dia 22 de janeiro de 1912.)

DOCUMENTOS PARA A HISTORIA

Ainda a eleição do circulo

Uma carta do ilustre senador nosso presado amigo, sr. dr. Pedro Chaves, á *Patria*, o brilhante colega ovarense, que se não confunde com o omonimo lisboeta:

Snr. Director de A PATRIA e meu presado amigo:

Como certamente sabe, as termas de S. Jorge, onde procuro a saude do corpo e o descanço do espirito, são de uma pacatez absoluta. Poucos jornais cá chegam e menos ainda são os que desses eu leio.

Apesar disso, embora um pouco tarde, sempre cá me chegaram os écos do *grande e órrivel* crime eleitoral de que eu fui *cumplice* e que pomposamente corre o mundo da imprensa com o titulo de—*pacto eleitoral de Agueda*—que já agora por bem saontê adoptarei.

Para quem, como eu, sabe o que é costume fazerem os candidatos derrotados quando está para reunir a respectiva Comissão de verificação de poderes, o caso não produziu mais do que um sorriso e leve encolher de ombros.

Agitava-se, á falta de melhor, com grande barulho, um caso que absolutamente em nada podia influir no resultado da eleição.

Mas numa estada de poucas horas nessa vila, eu soube que havia correligionarios nossos que se interrogavam sobre o pacto de Agueda, e adversarios que sobre o caso e explorando-o, bordavam considerações acerca do meu republicanismo, havendo até um monarquico desqualificado que por ocasião da traulitania me apanhou uns miseros cobres, que se permitiu junto dum correligionario nosso inquirir das minhas convicções.

Entendi que aos meus correligionarios—e só a esses—eu devia algumas explicações sobre o caso e porque se trata dum verdadeiro libelo acusatorio a resposta irá por artigos.

Mas antes deixe-me frizar que as constantes campanhas que contra mim se levantam na nossa terra, são tão *inteligentemente* dirigidas que delas resultam sob o ponto de vista individual a afirmação duma superioridade que eles querem combater, sob o ponto de vista politico o triunfo que as ultimas eleições estrondosa e absolutamente demonstraram.

Quer vêr? Sendo o tal pacto de Agueda assinado por os representantes dos diversos partidos, eles não estranham que os correligionarios o tenham feito, antes acham isso natural, e só notam que o tenha feito eu. Isto é: eles considerando deprimente o facto e extranhando que eu o praticasse, revelam que me tinham numa conta muito superior a eles e o seu jubilo resulta de supôrem que eu desci dum pedestal em que involuntariamente me colocam, até ao nivel em que eles se encontram.

Mas vamos ao que importa.

1.º

O Partido Republicano Português de Ovar não fez qualquer acôrdo com monarquicos, directa ou indirectamente.

O unico acôrdo que fez, foi com o governo, nos termos discutidos e aprovados pela sua comissão municipal e expostos na reunião havida em Aveiro pelos seus delegados: Capitão Rodrigues Leite, José de Oliveira Lopes e eu.

Não tem portanto o Partido a minima responsabilidade no *pacto* que foi feito em dia em que eu me encontrava em Aveiro como *candidato* e sem qualquer delegação do partido de Ovar, a cuja comissão nem sequer tinha comunicado—nem tinha que comunicar—a minha ida áquela cidade.

De maneira que toda a responsabilidade do *pacto* pertence *unica e exclusivamente a mim.*

2.º

Não assisti á discussão do *pacto*, nem sequer a ele estive presente e ignorava absolutamente os seus termos quando o assinei. Ora aí teem uma declaração que deve agradar aos meus detractores e que eu podia ocultar.

Eu encontrava-me no Governador civil e o assunto foi discutido numa sala proxima entre os srs. drs. Egas Moniz, Barbosa de Magalhães, Costa Ferreira, Tavares da Silva, Alberto Souto e o sr. Henriques Maximo Junior.

Ao assinar, pois o tal *pacto* eu nem supuz nem podia supôr, que nele entrasse *qualquer monarquico*, visto que nenhum e nomeadamente o sr. dr. Jaime Duarte Silva que apareceu tambem assinado, esteve presente ou entrou no gabinete do Governador civil emquanto o pacto se tratava.

E nem sequer o li porque dizendo respeito a um concelho cujas forças politicas eu desconhecia, entendi que era aceitavel desde que os que as conheciam o aceitavam.

Demais eu, confiando, apenas cumpri o meu dever porque pouco antes, os srs. drs. Egas Moniz, Barbosa de Magalhães, Costa Ferreira e Tavares da Silva me tinham confiado folhas *em branco* com as suas assinaturas para, emquanto eles discutiam o pacto, eu ir de acôrdo com uns correligionarios presentes, organisando as listas de delegados eleitorais e vogais das mezas em diferentes assembleias que cada um devia apresentar.

Assim, e como se vê, é bem diminuta a minha responsabilidade num pacto que eu supunha feito exclusivamente entre republicanos.

Mas vamos a dar armas aos meus detractores. Eu *declaro que não tinha dúvida em assinar tal pacto, mesmo entrando os monarquicos!* Hein? Que tal?

E porquê?

Porque esse pacto não representa *nenhum auxilio dado ou recebido* a ou de monarquicos.

O que de facto mostra é que tendo os representantes de todas as correntes politicas do concelho de Agueda reconhido que a sua votação era aproximadamente a constante do pacto, resolviam evitar a luta, os trabalhos e as despezas eleitorais, dando a cada partido o que na realidade lhe pertencia.

Nenhum favor, apenas a todos poupar trabalhos.

Se o eleitorado discordava, evidentemente o pacto não subsistia porque o eleitorado tinha, na lei eleitoral meios eficazes para fazer valer a sua deliberação. Se o eleitorado concordava, dando a sua acquiescencia tácita, estava demonstrado que os signatarios do pacto tinham interpretado devidamente o seu desejo e que, a não ter sido feito tal pacto, as urnas dariam, aproximadamente, o mesmo resultado.

Deram os republicanos aos monarquicos ou receberam destes alguns votos?

Não. Apenas se distribuiram esses votos na justa proporção das forças eleitorais de cada um.

Mas, dir-nos-hão, é contra os principios republicanos, falsear o direito do sufragio. Mas é que não se falseou. E além d'isso o principio da acquiescencia tácita do eleitorado. Sempre que se não apresente um numero de candidaturas superior ao numero a eleger, *o acto eleitoral, não se realisa* porque se supõe que todos ou a grande maioria dos eleitores, concordam e querem que sejam aqueles os seus representantes. Asism o eleitorado de Agueda, não discordando do pacto, mostrou que este representava a sua vontade soberana.

Se, pois, eu não recebi favores de monarquicos nem lhos prestei, não me repugnava reconhecer-lhe por esta forma uma votação que lhe não contestaria quando saido das urnas.

Creio ter esclarecido suficientemente os meus correligionarios; se o não conseguir, não deixarão de me fazer as observações que acharem convenientes ou pessoalmente, ou pelas comissões respectivas. Quanto aos meus detractores, se não desabafam, rebentam. Deixa-los pois desabafar porque para a epidemia, bastou-nos a pneumonica.

Creia na estima do seu amigo e correligionario,

Pedro Chaves.

S. Jorge, 29/7/921»

Tambem o ilustre deputado. sr. dr. Costa Ferreira dirigiu á Patria *lisbonense a segninte carta:*

Meu caro Nuno Simões.—E' para o seu jornal uma rectificação ás afirmações insertas na secção «Em flagrante», do dia 29 de julho, que eu hoje vou dirigir-lhe, esperando da sua amizade a sua publicação.

Não pode o sr. dr. Alegre ou quem quer que informou «A Patria» daquele dia, afirmar, sem faltar á verdade, que eu fizesse quaisquer considerações, que ali me são atribuidas. A ninguem, em hora alguma, eu disse qualquer cousa sobre a eleição de Canelas, que não conheço nem a ela assisti. E' uma «blague», pura fantasia.

A calunia e a insidia são tremendas no caso da eleição de Aveiro quando, afinal o assunto, reduzido ás suas estritas proporções, é uma gota de agua num grande lago. Mas deixar tripudiar á vontade, até que toda a verdade, depois de findas todas as injustas e infames acusações, possa impor-se e triunfar de tão indignos procedimentos. A razão e a justiça não as póde adulterar, se bem que tente contorcê-las a comissão de Aveiro, instalada nos Passos Perdidos e corredores do Parlamento, ha doze dias, com o fim de invalidar a eleição do circulo n.º 13.

Ha uma escritura publica, lavrada depois das 23 horas, á beira dum tonel, em casa do mano do sr. conde de Agueda, no Morangal, em que um notario, o mesmo dos 143 contos da firma Neves, de Anadia, reconhece as assinaturas de eleitores e de individuos em perfeito estado de embriaguez, para dizerem que votaram a lista monarquica em Oliveira do Bairro.

Pude já verificar que alguns desses cidadãos não são eleitores, e outros, comquanto o nome seja igual, não são os proprios, porque a diferença de idade é bem manifesta, e os restantes votaram a lista liberal-democratica, como se pode comprovar. Mas é uma questão de esfusiamento de espiritos inebriados pelo «suavis anima» de Falermo e, por isso, deixar correr o país, toda a grande prova do celeberrimo documento.

Em Oliveira do Bairro não se efetuaram prisões, apenas foi levada a efeito a dum indigno cidadão, que estando até repudiado como testemunha em qualquer causa no tribunal da comarca, conseguiu substituir ardilosamente uma lista dum nosso eleitor.

E, sendo preso apenas durante cinco minutos, conseguiu a policia arrancar-lhe umas dezoito listas monarquicas que o figurão trazia para o «vigarismo» eleiçoeiro.

Posso afirmar que ha contra-protestos na eleição de Aveiro e que, por esse facto, se fez a «defesa» dos protestos. Para as assembleias do concelho de Oliveira do Bairro não foram nomeados delegados de qualquer dos candidatos apresentados ao sufragio, assistindo, porém, numa das assembleias ao acto eleitoral, o dr. Alegre e alguns seus amigos.

E' esta a unica verdade que eu emprazo a desmentir ao insinuante informador do seu conceituado jornal. E pela inserção desta fica-lhe muito grato, seu muito dedicado, *Antonio da Costa Ferreira.*

Lisboa, 3 de agosto de 1921.

UM

Quesito n.º 41 no julgamento realisado em 22 de maio de 1913 no Tribunal desta comarca.

41.º—**A circunstancia atenuante de ter o arguido (Arnaldo Ribeiro) sido sempre um homem de bem, e julgar-se incapaz de praticar actos que repugnem ao meio social em que vive, está ou não provada? Não está provada.**

Aveiro, sala das sessões do Juizo-comercial, 22 de maio de 1913.

José do Nascimento Ferreira Leitão, Pompilio Simões Souto Ratola, Eduardo Augusto Vieira, Gonçalo Nunes dos Santos, João Mendes da Costa, Joaquim Marques Machado, Manuel Vieira da Silva, Joaquim Fernandes Rangel, José Augusto Ferreira.

(Da «Liberdade» n.º 119, de 29 de maio de 1913).

O OUTRO

Ordem do exercito n.º 10, 2.ª serie de 27 de abril de 1909.

Reforma o capitão do regimento de infantaria 23, Francisco Manuel Homem Christo, submetido a julgamento do Conselho superior de disciplina do exercito, nos termos do paragrapho 1.º do art.º 106.º do Regulamento disciplinar do exercito (a) aprovado por decreto de 12 de dezembro de 1896, em conformidade com a opinião do mesmo Conselho.

(a) Incapacidade moral.

Atualidades

Ecos da eleição—O que se tem dito e escrito ácêrca da eleição deste circulo, excede tudo quanto a antiga musa canta. Só lhes falta, á mistela, á salada, á mayonaise que aí representa a oposição, ou sejam os vencidos, chora-la em verso. Já lhe chamaram até nômes bem feios. Se por ventura a sorte os houvesse apadrinhado, nenhumas das *monstruosidades praticadas* teria existencia. Tudo teria sido feito com a maior legalidade deste mundo. E seria de vê-los radiantes, na camaradagem degradante em que apareceram votados, não já um republicano com dois monarquicos, mas todos três com essa coisa que avilta e que degrada, especie áparte de toda a humana especie, sem qualificação condigna na escala social, a ultima, a mais baixa, a mais afrontosa e vil de todas as especies ou camadas sociais. Repelido do convivio de toda a outra gente, foi necessario encontrar quem, por temôr, por pusilanimidade, sem tédio, sem pudôr, lhe desse a mão.

Ha paladares para todas as combinações culinarias e estomagos que digerem com facilidade infinita. O maltrapilho, excluido do meio social por incapacidade moral constatada em documentos oficiais, já de todos eles dissera as ultimas infamias. Foi até á exumação de cadaveres queridos de alguns, revolveu-lhes as cinzas, cuspiu sobre elas afrontas sem nôme. Arrasta vida indecorosa no proprio meio em que a grilheta seria suplicio leve aos olhos dos que o conhecem.

Pois encontrou quem não escrupulisasse em associa-lo!

E ha jornais, como o *Mundo*, a *Patria*, o *Seculo*, a *Manhã*, que desejariam vêr anulada a eleição de Aveiro para que o reptil obtivesse lugar em S. Bento, ao lado de homens de bem, que dele fugiriam envergonhados!

E' de causar calafrios, mas é assim. A *Patria*, sobre todos a *Patria*, tem feito uma tenaz campanha em tal sentido. Consciente da fraude, isto é do logro a que a levaram os seus informadores? E' preciso que á *Patria*, ao *Mundo*, ao *Seculo*, á *Manhã* se diga que estão fazendo, sem o saberem talvêz, o jogo miseravel do mais autentico miseravel de todos os tempos, conhecido denunciante do 31 de janeiro, o maior e mais perigoso inimigo da Republica, associado de Paiva Couceiro, assalariado em Tuy para a reimplantação da monarquia em Portugal.

Aí teem esses jornais ao que os levaram os seus colaboradores da ultima hora, os chamados *regio-nais* de Aveiro, mistura informe e anomala de moiros com cristãos desconvertidos, a quem o odio cegou e arrastou até tal ponto.

Aí teem, aí teem. Era a substituição dos republicanos eleitos por uma lista que incluia com monarquicos o conhecido traidor!

Revejam-se na obra e penitenciem-se dela.

Explicação—A *en-tête* publicada no n.º anterior do *Campeão* fora previamente destinada á *Secção áparte* da 4.ª pagina, mas uma desculpavel interpretação da tipografia, agora que o nosso diretor se encontra fóra de Aveiro, a uso de aguas, deu causa á colocação em lugar onde não cabia, por honra do jornal c consideração devida ao leitor, a citação de nomes e de factos cujo lugar proprio não era ali.

Aberto o precedente, que nos contrariou bastante, vá o resto, até ao fim, no mesmo lugar. O leitor de certo relevará.

Ministro do comercio—Consta que será brevemente convidado a visitar Aveiro, o novo ministro do comercio, sendo-lhe oferecido o almoço da terceira série.

Professias do... Bandarra

IV

«... E' uma afirmação de principios e de sentimentos; a afirmação de que os interesses regionalistas teem de ser defendidos por todos, de que o bem da nossa terra tem de estar acima de toda a politica, de que os governos, os politicos, os partidos, os parlamentos, teem de olhar com atenção e cuidado para as necessidades do paiz que não é so o Terreiro-do-paço nem a sala dos Passos-perdidos, nem ali a casa da Vera-Cruz.»

Findêmos com isto. O tempo, o espaço, o papel, a tinta gastos, valem mais do que o sr. A. Souto & c.ª. Nem tanto era preciso para os reduzir. Reduzidos já eles estão pela propria obra e desde o inicio dela.

Aclarem-se, entretanto obscuros pontos em que as «palavras serênas» irritam nêrvos.

Na citação acima dá-se o caso de fr. Tomaz: ele préga que á volta dos interesses da terra se aliem os esforços gerais, mas por si e pelos da grei exclue a casa da Vera-c uz. Todavia, só com a casa da Vera-cruz se encontrou sempre. Se o esquece agora, hade lembra lo um dia. Talvêz mais cêdo do que pense.

*

«O monarquico que entra nesta lista é mau, mas com a grande generosidade da sua nobilissima alma, serve a todos os republicanos nas aflições e a todos os politicos nos apertos.»

Pena é que só agora o reconheçam aqueles que o tiveram prêso, o encheram de epitetos e de sarcasmos, o perseguiram com uma senha feroz e pensavam até em ir mais longe. Então, esse monarquico, que tão facilmente esqueceu os mais profundos agravos e que não só viu ameaçada a liberdade de sempre, mas até em perigo a propria vida, não houve enchovalho que lhes não sofrêsse, aos proprios. Agora já tem uma nobilissima alma que serve a todos os republicanos nas aflições e a todos os politicos nos seus apuros. Até lhes deu, aos proprios, o nome para a lista *regio-nal*, que sem ele não alcançaria meia duzia de votos, e até os meteu a todos no bolso, movendo-os a seu sabôr, exibindo-os como a boné cos na praça publica. Contestem se pódem.

E vamos ao resto.

*

«Em janeiro de 1919 quando as granadas estoiravam em Cacia, em Agueda, em Angeja, on de estavam? Quem os viu? Quem deu por eles aqui junto de nós? Quem recebeu uma palavra de solidariedade e incitamento para combater o incendio que lavrava á nossa porta?»

Toda a gente conhece, mênos ele, o sr. ex-deputado, o papel preponderante que na defeza do Vouga exerceram os elementos a esse tempo existentes em Lisboa, de onde nos mandavam reforços valiosos a cada dia e a cada instante.

O sr. dr. Barbosa de Magalhães dava por findo o homisio em que estivera largos dias, e seus irmãos, Manuel e Fernando, a dura prisão que sofreram pelos fortes de Elvas e outros, por onde o sr. Souto nunca andou, vindo todos para a rua na defeza de Monsanto.

Queria-os lá e queria-os cá, o sr. ex-Ratola, que ninguem viu ai alem dos Arcos, dando-se ares de dirigente, cá de largo, longe de Cacia, longe de Agueda, longe de Angeja, longe de qualquer logar onde lhe cheirasse a chamusco. Onde esteve quando nós, Silverio de Magalhães, Antonio Felizardo, Francisco Encarnação, e tantos outros fomos prêsos? Quem o viu sequer nos Arcos? O capitão Belmiro, Mariano Ludgero, Bernardo Torres, Francisco Bailica, João Rosa, Virgilio Duarte Silva e outros, pagaram caro o seu amor á Republica.

E o sr. ex-Ratola? «Quem o viu na nossa defeza?» «Escreveu manifestos?» «Assumiu responsabilidades?» «Dirigiu movimentos?» «Fêz algum discurso?» «Esteve nas linhas?» «Bateu-se em algum combate?»

Façamos nossas essas suas palavras, e respondmos, por nossa parte, com a ordem do exercito n.º 3, 2.ª série, de 6 de março do ano passado, que da nossa pequena ação durante a traulitanea dizia, na concessão de um louvor, o que do sr. Alberto Souto não disse nunca nem dirá jámais:

«Firmino de Vilhena, diretor do *Campeão das Provincias*, de Aveiro—Pelos relevantes serviços que prestou á boa causa por ocasião da defeza de Aveiro contra os rebeldes monarquicos do norte, publicando suplementos que fazia distribuir ás tropas em operações, gratuitamente, e em grande numero postos á disposição do comando para serem lançados no campo inimigo por meio dos hidro-aviões, empenhando-se, como informador telegrafico da *Agencia Havas*, em transmitir seguras noticias das operações, que o eram de inteira confiança do triunfo da Republica, ora assistindo junto do comando, ora chegando a ir ás proprias linhas, com um belo exemplo de civismo e maior dedicação á causa da Patria e da Republica.»

*

«Nestas pequeninas terras da Beira-mar, cuja capital tem por brazão uma aguia altiva, abrindo as azas numa grande ancia de progresso, despontou alguma coisa que faz tremer os politicos nas eleições: é o amor á terra em que nascemos!»

Fechou com chave de ouro. O amor á terra despontou, surgiu, nasceu-lhe agora. Veio após a creação do *Regio-nal*. Foi o *Regio-nal* quem lh'o inspirou. O *Regio-nal* que tudo inspira e a tudo aspira, sem mais preocupações que as conhecidas.

Porisso o novo Bandarra profetisara o calvario do sr. dr. Barbosa de Magalhães... nos seus braços, a vitoria da eleição de 10 de julho nas suas mãos, e a aguia altiva do brazão da cidade a seus pés, «abrindo as azas numa grande ancia de progresso»...

Uma frase feliz, esta. Mas que o *outro*, seu camarada e seu amigo da atualidade, seu irmão de armas até na dialetica, se não sinta atingido ou contrariado por ela, pois não é do seu uzo, a do seu sentir, e muito mênos a do genero da sua especialidade.

Carteira de apontamentos

Fertas de familia:

Fazem anos

Hoje, os srs. Jaime Artur de Vasconcelos Dias e Manuel Feliciano Castilho.

Amanhã, o sr. dr. Adriano de Vilhena Pereira da Cruz.

Alem, a sr.ª D. Marla Luiza de Melo Vilhena e o sr. Cesar Augusto Cardote.

Depois, as sr.as D. Ana Emilia de Almeida Corrêa Leal, D. Valentina Martins e o sr. Amadeu Augusto Barbosa.

Em 17, a sr.ª D. Ermelinda de Melo Cardoso.

Em 18, a sr.ª D. Madalena Leitão e os srs. Fausto Corrêa Gabião e Manuel Inocencio Ferreira Estrela.

Em 19, os srs. Manuel Luiz Torres Antunes e Pompeu de Melo Figueiredo.

Em viagem:

Partiram para Lisboa os srs. drs. Alvaro Sampaio e Jaime Carlos da Silva, professores do liceu.

◆ Partiu para o Monte Estoril de visita a seu irmão, sr. dr. Luciano Barata, advogado, o nosso camarada de redação sr. dr. José Barata, ilustre professor do liceu e presidente das Comissões politicas do Partido Democratico.

Visitas:

Esteve em Aveiro o sr. dr. Manuel das Neves, professor do liceu de Castelo Branco.

Empreza de Louça e Azulejos

Por falta absoluta de espaço deixou de sêr publicado no nosso numero passado o presente artigo para esse fim já composto.

Completa amanhã um ano de existencia esta florescente fabrica de ceramica que honra sobremaneira a nossa terra. Póde e disputa, mesmo já, primasias ás melhores, no seu genero, do paiz. São um encanto os seus produtos. Em Lisboa, n'uma exposição ha pouco realisada, na Tapada d'Ajuda, produziram verdadeira sensação.

São d'isso testemunho estes periodos que o nosso colega «A Epoca» publicou no seu n.º de 28 de maio ultimo:

«A' primeira vista o recinto oferece-nos a mais segura manifestação da inteligencia e trabalhos dos portuguezes: mostruarios perfeitos de maquinaria, adubos, avicultura, cuniculicultura, apicultura, trigos da estação agronomica de Belem, produtos do Alemtejo, vinhos, e, sobre tud , as faianças da Empreza de Louças d'Aveiro, que nos maravilharam pelo bom gosto e fina execução, principalmente um retrato do sr. Conselheiro João Franco, n'um azulejo 40x60, um candieiro e uns lindos jarros gregos com motivos nacionaes.

Deante d'este mostruario parava toda a gente, admirando na perfeição d'aqueles trabalhos a milagrosa transformação do barro em obras primas. Parabens aos fabricantes».

Uma parte dos produtos expostos em Lisboa junto com outros fabricados depois, tiveram egual exito, senão maior ainda, em Viseu por ocasião do Congresso das Beiras, merecendo por isso e com toda a justiça serem classificados em primeiro logar, e galardoados com a medalha de ouro.

De que tão apreciado foi nos dois grandes certamens, louça artistica, resta apenas hoje o que *constitue* o modesto mostruario da fabrica, e isso, comemorando o 1.º aniversario da sua fundação estará exposto amanhã e dias seguintes nas montras do Cysne da Arcada, e Sapataria Migueis, na Rua Coimbra.

Melhor do que nós ha de dizer o publico d'essas maravilhas a que tem ligado o seu nome, mais ou menos todos os operarios e muito especialmente o modelador sr. José de Barros e os pintores decoradores srs. Licinio Pinto, Francisco Pereira e Carlos Pinto. Este ultimo, sendo como é uma criança, dá já justificadas provas de vir a ser como seu pae, um bom artista.

Fecharemos esta breve noticia, que nada mais é do que um cartão de parabens aos socios e operarios pelo dia de amanhã, com a transcrição das impressões colhidas ha pouco n'uma rapida visita que fez á fabrica o nosso ilustre colega da capital sr. Rodrigues Leal e que são estas:

«Empreza de louça e azulejos

Apezar de ter apenas um ano de existencia, esta fabrica é uma das que mais tem sabido impor os seus produtos. Como Cesar, chegou, viu e venceu.

Concorreu á «Semana Agricola de Lisboa» e ganhou o premio de honra; na exposição do Congresso Regional das Beiras foi tambem premiada em primeiro lugar.

No *atelier*, para onde entro, encontram-se duas mezas com lindas amostras: Dois grandes vasos com motivos da *Odissea*, dois admiraveis candieiros manuelinos, um dos quaes já foi muito admirado em Lisboa, na «Semana Agricola», e uma enorme variedade de vasos, cinzeiros, jarras e pequenos *bibelots* com motivos nacionaes, cruzes de Cristo e d'Aviz, armas regias e sugestões da epopeia maritima.

São pintores da casa os socios Licinio Pinto e Francisco Luiz Pereira, dois artistas de merecimento e de uma rara modestia.

O sr. Pereira acompanha-me ao armazem e á fabrica, que é valorisada com maquinaria moderna.

— Teem fabricado muita louça artistica?

— Muita mesmo. No entanto ainda não pudemos fabricar por forma a atender os pedidos que nos chegam todos os dias.

— Onde teem mais facilidade de colocação para essa louça?

— Em toda a parte, mas especialmente no Porto e em Lisboa.

— E azulejos artisticos?

— Temos egualmente fabricado muito para o Porto, Leiria, Golegã, etc.

— Quantos operarios teem?

— Trinta e cinco a quarenta.

— Qual é a sua m ior ambição, sob o ponto de vista d'arte?

— Fazer, na medida do possivel, o rejuvenescimento das nossas antigas Artes Ceramicas, tão sobrias e tão belas.

— Teem vendido para o estrangeiro?

— Temos tido varias encomendas, mas não temos podido satisfazel-as. Não calcula a falta que ha de artistas!

— Quanta louça vendem por mez?

— Só para Lisboa vão dois vagons por mez.

— E azulejos?

— Fabricamos uns 3.000 por dia.

— Porque não vendem mais baratas estas lindas coisas, dissémos apontando dois lindos vasos, imitação de louça portugueza antiga.

— E' que as tintas estão carissimas, e pegando nos dois vasos: gosta d'eles?

— Lá isso gosto...

— Pois então ofereço-lhos

Realisara-se um dos meus pequenos ideaes: Ter duas maravilhas destas para a mesa do meu quarto...—*R. L.*»

(Da *Epoca*).

(*) Este nosso colega publicou tambem o *compte rendu* da visita que fez na mesma ocasião ás outras duas fabricas ceramicas da cidade, e a que oportunamente daremos publicidade.

Movimento local

Anotações do passado (1920)—*Dia 13 de agosto*—Na Ermida é vendida uma parelha de muares por 2:500$00 escudos.

Dia 14—Primeiro dia de verdadeiro verão, aspero de quente

Dia 15—Continua o calor estragando algum vinho.

Dia 16—A epidemia reinante, nos intestinos, chega até cá dando-se alguns casos.

Dia 17—O papel sòbe novamente de custo, vendendo-se já o almaço a 20$00 a rêsma, que era de 10 em melhores tempos.

Dia 18.—De uma questão entre operarios e patrões, surge um abaixamento do custo do calçado.

Dia 19—Continua o tempo quente.

Comissões politicas—A bem da higiene.—Uma comissão, composta, pelos srs. dr. José Barata, professor do liceu e presidente da Comissão politica do Partido democratico, Lopes Guimarães e Barreiros de Macedo, conferenciou com o sr. governador civil sobre assuntos que se relacionam com a higiene da cidade.

◆ No funeral do saudoso republicano, sr. Bernardo Torres as comissões politicas do Partido democratico fizeram-se largamente representar, tendo falado em seu nome á beira da campa o seu presidente, sr. dr. José Barata.

Exames de admissão ao liceu.—Concorreram aos exames de admissão ao liceu central desta cidade 166 candidatos. Não compareceram a prestar as suas provas tres. Foram aprovados 142. Foram excluidos 21 alunos.

As colheitas.—O manifesto das colheitas do trigo, centeio, aveia, cevada, fava, grão de bico, batata de sequeiro e cortiça, deverá sêr feito pelos agricultores até oito dias depois de concluidas as debulhas, terminando no dia 15 de setembro proximo o praso em todo o paiz.

◆ Segundo uma estatistica fornecida pelo ministerio da agricultura, a colheita provavel de trigo no continente, em 1921, é de 2.343:067 quintais, assim dividida: entre Minho e Douro, 56:531; Traz-os-montes, 77:833; Beira, 198:632; Extremadura, 676:192; Alemtejo, 1 253:418 e Algarve, 81:361.

Festival.—Realisa-se amanhã no Jardim-publico, como noticiámos, o primeiro dos festivais promovidos pela «Associação humanitaria dos bombeiros voluntarios de Aveiro» com aplicação a compra e reparações de material do serviço de incendios.

O programa da excelente banda da Vista-alegre, que, sob a regencia do sr. Bernardo Pinto Camelo, considerade maestro, é o seguinte:

Das 18 ás 20 horas

MARCHA—*Chuber.*
RAPINOUD—Ouverture—*Ambroise Tomaz.*
RIOUZI—Grande sinfonia—*Wagner.*
SUI NOSTRE MOETE—Serenata campestre—***.
CARAMELO—Fantasia—*Chueca.*
RENEJL DU PRINTEMPS—Vala—*A. Scanoia.*
GENERAL INSPECTOR—Marcha militar—*J. A Lima.*

Das 22 a 1

GRANDE MARCHA DA OPERA TANHAVSER—*Wagner.*
PARAGRAFO III—*Suppé.*
2.ª RAPSODIA HUNGARA—*Lisette.*
CARMEN—Selection da opera—*Bizet*
REVOLTOSA—Fantasia—*Choppin.*

Intervalo

GUARAEY—Sinfonia da opera—*A. Carlos Gomes.*
D. CARLOS—Sinfonia da opera—*Verdi.*
FANTASIA MONTANHEZA—Caracteristica descritiva—*Morais.*
MARCO SPADA Ouverture da opera—*Auber.*
OS CARECAS—Ordinario—***.

Contra a debilidade.—Recomendamos aos nossos leitores o Vinho nutritivo de carne» e o «Farinha peitoral ferruginosa» e *contra a tosse* o «Xarope peitoral James», da Farmacia de Pedro Franco & c.ª—Rua de Belem.

Façam este gesto da felicidade

Disse um filosofo que, para se ser feliz, o que se precisa em primeiro logar é fazer o gesto da felicidade.

Para se ser feliz, sob o ponto de vista da saude, quando se está doente, ha um gesto a fazer, o de tomar as Pilulas Pink.

A sr.ª D. Maria da Conceição Ferreira Martins Borges, Lisboa, fez esse gesto, e vai ver-se pela carta que esta senhora nos escreve, que ele foi coroado de pleno exito:

Sr.ª D. Maria da C. F. Martins

«Com a maior satisfação me apresso a participar-lhe que fiz uso das Pilulas Pink, para me curar da anemia e fraquesa geral, e que obtive um feliz resultado, depois de ter recorrido em vão a varios outros medicamentos. Quero exprimir a v. o meu grande contentamento por este facto, e dou-lhe plena autorisação para publicar esta carta.»

Façam, pois, o gesto que dá a felicidade, tomem as Pilulas Pink, se a sua saude deixa a desejar. Estas Pilulas são soberanas para debelar as seguintes doenças: anemia, clorose das jovens, perturbações da crescença, doenças e dôres de estomago, enxaquecas, dôres, irregularidades das funções, neurastenia, extenuação nervosa.

As Pilulas Pink estão á venda em todas as farmacias pelo preço de 950 reis a caixa, 5$300 reis 6 caixas. Deposito geral; Farmacia e Drogaria Peninsular, rua Augusta, 39, a 35, Lisboa.

EDITAL N.º 10

Francisco Nunes Ferreira, presidente da Junta de freguezia da Oliveirinha, concelho de Aveiro:

FAÇO saber que a Junta da minha presidencia na sua sessão ordinaria do dia 3 do corrente deliberou por unanimidade, vender, em hasta publica, em conformidade com o decreto n.º 7127 de 17 de novembro de 1920, os seguintes baldios:

1.º

Um bocado de terreno no Rego da Venda, limite da Oliveirinha, a partir do norte e nascente com a estrada que vai da Oliveirinha a Aveiro, sul com João Joaquim Marques e do poente com Manuel Diniz Fernandes Anchão. Base da licitação deste terreno 30$000.

2.º

Um bocado de terreno em forma de triangulo, na Gandara da Oliveirinha, a partir do norte com Angelo Ferreira da Cruz, sul, nascente e poente com vias publicas. Base da licitação deste terreno 20$00

3.º

Um bocado de terreno tambem em forma triangular e na Gandara da Oliveirinha, a partir do norte e nascente com o ex.mº sr dr. Abilio G. Marques, sul com terreno da Junta e do poente com caminho publico. Base da licitação deste terreno 25$00.

Mais faço saber que esta arrematação deve ter lugar no dia 14 do proximo mez de agosto na sala das sessões desta Junta, pelas onze e meia horas.

Os licitantes farão logo deposito do produto da arrematação no cofre da Junta e pagarão a contribuição de registo no praso de 30 dias.

Para constar se passou este e outros de egual teor que vão ser afixados nos logares publicos do costume.

Oliveirinha, 12 de julho de 1921.

O presidente,

Francisco Nunes Ferreira.

EDITAL

Gustavo Adolfo Parada e Silva Leitão, oficial das Alfandegas e chefe da Delegação Aduaneira de Aveiro, etc.

FAÇO saber que, pelas doze horas dos dias 17, 18, 19 e 20 do corrente mês de agosto, respectivamente á porta dos postos fiscaes da Barra e Forte, S. Jacinto, Costa Nova e Pardêlhas, será vendida em hasta publica uma porção de madeira salva do hiate «Cabo Razo», naufragado á saida da barra d'Aveiro.

Para constar se passou o presente e outros de egual teor que vão ser afixados nos logares publicos e do costume.

Delegação Aduaneira de Aveiro, 8 de agosto de 1921.

O Chefe,

Gustavo Parada Leitão.

Precisa-se já

de pessoa que reuna todas as condições para poder desempenhar o lugar de fiel do Teatro Aveirense, preferindo-se reformados do exercito.

Carta á Direção do Teatro Aveirense—Aveiro.

Direcção dos serviços de aeronautica naval

AVISO

PELO presente aviso se faz publico que a Direcção de aeronautica naval recebe propostas até ao dia vinte de agosto de mil novecentos e vinte e um para a execução das seguintes obras a realisar no Centro de Aviação de S. Jacinto (Aveiro):

Construção de fundações e montagem de um hangar metálico;

Construção de pavimentos para dois hangares;

Construção de um slip em cimento armado.

Os planos e cadernos de encargos estão patentes na séde da Direção—Doca de Bom Sucesso—Belem, Lisboa, todos os dias uteis das treze ás dezesete horas.

O Diretor,

(a) *Afonso Julio de Cerqueira,*

Capitão de fragata

PROPRIEDADE RUSTICA

VENDE-SE, muito boa, com 10 alqueires de semeadura, situada na estrada de S. Bernardo.

Pedir informações ao encarregado da venda, Lino da Silva Marques—AVEIRO.